



PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICAS E TEOLÓGICAS DAS QUESTÕES DE GÊNERO EM EDITH STEIN¹

Profa. Dra. Clélia Peretti*

Resumo: O presente artigo faz uma explanação do pensamento de Edith Stein sobre a questão da mulher. Destaca-se a contribuição da fenomenologia na construção do itinerário formativo e especulativo da filósofa e sua contribuição na construção de constructos filosófico-antropológicos no contexto da filosofia contemporânea e da teologia. A diferença de gênero (feminino e masculino) é abordada pela filósofa não como um dado biológico ou sociológico, mas como um elemento estrutural do ser humano. Edith Stein direciona a análise da essência da pessoa humana para uma *antropologia dual* para expressar o conceito de humanidade feita de homens e mulheres. Masculino e feminino, no pensamento da filósofa, não estão em oposição, mas em profunda complementaridade, são reflexos da comunhão de amor que está em Deus, pela qual as três pessoas se amam, no íntimo da única vida divina. Edith Stein é considerada como precursora de um novo feminismo na Igreja Católica: preconizou a saída da mulher da casa e sua inserção em quase todas as profissões. Com ela, o feminino ganha força e haverá uma reflexão antropológica e teológica renovada da mulher, sobretudo no pontificado de João Paulo II.

Palavras-chave: Edith Stein, masculino/feminino, fenomenologia e teologia.

Riassunto: Questo articolo è una spiegazione del pensiero di Edith Stein sulla questione della donna. Si evidenzia il contributo della fenomenologia nella costruzione dell'itinerario formativo e speculativo della filosofa e la sua contribuzione nella costruzione di costrutti filosofici-antropologici nel contesto della filosofia contemporanea e della teologia. La differenza di genere (maschio e femmina) é discussa, nell'ambito della riflessione della filosofa non come un dato biologico o sociologico, ma come un elemento strutturale dell'essere umano. Edith Stein dirige l'analisi dell'essenza della persona umana verso una "antropologia duale" per esprimere il concetto di umanità fatta di uomini e donne. Nel pensiero della filosofa, maschio e femmina, non si trovano in opposizione ma in complementarità profonda, sono il riflesso della comunione d'amor che è in Dio, così come le tre persone divine sono nella profonda

¹ Conferência proferida em ocasião do *I Simpósio Internacional sobre Edith Stein. Um olhar interdisciplinar sobre a subjetividade humana: a pessoa humana em Edith Stein*, 22/09/11. Faculdade Católica de Fortaleza.

comunione di vita divina. Edith Stein é considerada la precursora di un nuovo femminismo nella Chiesa Cattolica, há preconizzato l'uscita della donna dalla casa e il suo posto in quase tutte le professioni. Com ella, il femminile, guadagna forza e ci sarà una nuova riflessione teologica e antropologica della donna, soprattutto nel pontificato di Giovanni Paolo II.

Parole-Chiave: Edith Stein, maschio/femmina, fenomenologia, teologia.

1. Introdução

Ao iniciar esta reflexão sobre "Perspectiva fenomenológica e teológica das questões de gênero em Edith Stein", gostaria de salientar que as considerações aqui postas fazem parte da minha tese de doutorado em Teologia, defendida em dezembro de 2009, na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo/RS, sob a orientação das Professoras Valburga Schmiedt Streck e Angela Ales Bello.

Os escritos de Edith Stein constituem a base de minha formação pedagógica e teológica. Desde 1995 sou uma apaixonada discípula de Edith Stein. O meu primeiro trabalho escrito em língua italiana em 1997, "*A empatia na relação interpessoal em Edith Stein*", para a obtenção do grau de magistério em Ciências da Religião, me levou a compreender que em seus escritos se encontrava um potencial de enriquecimento para a teologia e importantes constructos filosófico-antropológicos para um novo enfoque da questão da mulher. Desde então tenho tido interesse em aprofundar a questão feminina, mas as circunstâncias da vida me levaram a percorrer diferentes caminhos e realizar experiências profissionais diversas no campo da Educação e da Teologia. Em 2007, com o ingresso no doutorado em Teologia retomei o contato com os escritos e os estudos *de e sobre* Edith Stein. Para o aprofundamento das questões de gênero, nos propomos, assim, a *fazer uma análise fenomenológica e teológica do feminino, a partir das investigações realizadas por Edith Stein, tendo como instrumento para a análise da condição feminina a empatia*. O primeiro passo para a concretização deste estudo foi acolher a abordagem fenomenológica sobre a pessoa humana realizada pela filósofa, buscando unir Fenomenologia e Teologia. Procedemos, assim, para um estudo e uma análise descritiva da questão feminina nas obras de Edith Stein; realizamos um confronto entre a filosofia de Edith Stein e

² PERETTI, Clélia. *L'empatia nel rapporto interpersonale in Edith Stein*. Pontificium Athenaeum Antonianum. Institutum Superius Scientiarum Religiosarum, "*Redemptor Hominis*", Romae, 1997. (Dissertatio ad Gradum Magisterii).

o pensamento de João Paulo II sobre a mulher em particular, e entre os movimentos feministas alemães/europeus e os movimentos feministas no Brasil.

Em nossos estudos constatamos que a posição de Edith Stein sobre a questão da diferença entre o feminino e o masculino continua sendo atual; sua reflexão versa sobre a natureza genuína da feminilidade numa perspectiva filosófica e teológica. Ela reflete sobre a comunidade e suas dinâmicas na formação dos indivíduos e a forma feminina de abordagem dos problemas sociais e religiosos, seus reflexos na práxis e na vivência comunitária.

2. Edith Stein e o protagonismo feminino

Muitas pessoas já me perguntaram: Por que você estudou a questão de gênero em Edith Stein? Analisando as biografias escritas sobre a filósofa, constatei que são poucos os biógrafos/as que retratam seu protagonismo feminino, num contexto em que o espaço público da mulher era privilégio de poucas. A história das mulheres no final do século XIX e início do século XX era uma história feita de silêncios e representada por uma cultura androcêntrica e machista. Se olharmos para os movimentos feministas das últimas décadas, percebemos que deram um grande impulso às pesquisas sobre a mulher e sua problemática no mundo contemporâneo. A história do feminismo nos mostra que, no decorrer do século XX, as mulheres travaram batalhas por seus direitos e pela garantia de melhores condições de vida e trabalho. Enquanto os movimentos feministas políticos se fortificavam na conquista da igualdade entre os gêneros e na participação da mulher de forma equivalente, cresciam, por outro lado, os movimentos intelectuais e teóricos que buscavam desnaturalizar a ideia da diferença entre os gêneros e, ao mesmo tempo, resgatar aqueles espaços que haviam se fechado com o advento do capitalismo. Cresce a participação da mulher na vida sociocultural e política nesse tempo. Várias filósofas como Simone de Beauvoir, Hannah Arendt, Simone Weil, Hedwig Conrad-Martius, Maria Zambrano e Edith Stein discutem, em suas obras, a posição da mulher na sociedade, enfatizando a condição feminina em uma perspectiva dialética das relações sociais e econômicas, bem como sua função no sistema capitalista global (ALES BELLO; BREZZI, 2001, p. 39-40). O estudo da natureza feminina revelou-se importante para compreender o papel e os direitos da mulher na sociedade, e para resgatar a experiência de tantas mulheres silenciadas no curso da história.

Não podemos negar a contribuição que as ciências receberam do trabalho acurado e metodologicamente rigoroso das pensadoras desse período.

A reflexão de Edith Stein sobre a questão feminina e o compromisso da mulher na sociedade remonta à experiência vivida nos anos do ginásio e da universidade (1910-15), “é convicta patriota prussiana” e uma fervorosa feminista, ativa defensora dos grevistas. Uma mulher empenhada na vida sociocultural e política. Declara-se convicta feminista no grupo de amigos e luta pela paridade de direitos entre homens e mulheres. Entre os anos 1928-1933, defenderá energeticamente, em suas conferências, a inserção e a ativa participação da mulher na vida do Estado, bem como sua inserção na sociedade. Participa de vários movimentos e associações; empenhando-se socialmente é capaz de ir além dos papéis ou situações atribuídos culturalmente às mulheres, se posiciona, oferecendo suas contribuições diante dos paradigmas “cristalizados” pela sociedade sobre a mulher.

Da Páscoa de 1923 à Páscoa de 1931 é professora no Liceu e na escola Magistral das Dominicanas de Santa Madalena de Spira. De 1932 a 1933 é chamada como docente no Instituto Alemão de Pedagogia Científica de Münster, onde busca sintetizar sua relação profunda com Deus e com seu empenho na sociedade. De 1928 a 1933, participa das Associações em Friburgo, Mônaco, Colônia, Zurique, Viena e Praga. Realiza conferências sobre o papel e a vocação da mulher e do homem, faz também conferências sobre Tomás de Aquino, de ampla ressonância. Amplia e aprofunda seu campo de investigação com temas de caráter social, pedagógico e moral. Sua última aula foi no dia 25 fevereiro de 1933. Por disposições do antissemitismo nazista, ela precisou se retirar da escola. Por ser judia, não pôde mais exercer atividades públicas.

No dia 14 de outubro de 1933, com 42 anos, entra no Carmelo de Colônia. No dia 15 de abril de 1934, recebe o hábito e assume o nome significativo de Irmã Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). Enquanto aguardava sua entrada no Carmelo, escreve parte de sua autobiografia intitulada *História de uma família judia. Traços autobiográficos: infância e os anos juvenis*, manuscrito que continuará em 1935, não conseguindo terminá-lo porque lhe foi solicitado terminar sua grande obra *Ser finito e Ser eterno*, iniciada em 1928 com a tradução dos textos de São Tomás de Aquino (STEIN, 1988; 1992).

O *itinerário especulativo* de Edith Stein se coloca no contexto da filosofia contemporânea e sua pesquisa é caracterizada pelo exame da filosofia ocidental e pela adesão a uma dimensão religiosa específica, a da

tradição cristã. Diferentemente de tantos pensadores da época, busca harmonia entre o momento religioso e o momento filosófico. Depara-se diante do grande problema da relação entre experiência religiosa e busca filosófica. *Fé e razão* não são dois momentos abstratos na pessoa humana, mas são duas experiências presentes no indivíduo, se ele aceita a dimensão religiosa. Edith Stein na escola de Edmund Husserl foi habilitada a considerar os dois momentos juntos. A contribuição que ela dá e continua dando para a filosofia contemporânea e para a teologia se revela cada vez mais importante pela forma de abordar a questão antropológica feminina, pela sua capacidade de dialogar com diferentes culturas e ciências numa perspectiva teológica. Duas foram as razões que levaram João Paulo II a citá-la como a única mulher teóloga que se distingue entre os filósofos, na Encíclica *Fides et Ratio* (1995)³: a primeira é o conteúdo do próprio documento (*Fé e Razão*) e a segunda pela especial atenção dada pelo Papa às mulheres. “A fé e a razão (*Fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”. Edith Stein acreditava que o *humus* filosófico no Ocidente sobre o qual se inculturou a mensagem evangélica não era um acessório, mas um fundamento que tornou possível a elaboração de um saber filosófico e teológico medieval.

Edith Stein encontra, assim, na fenomenologia as chaves interpretativas para compreender a estrutura e as ações do sujeito humano. O método fenomenológico é considerado por ela um excelente instrumento

³ “A prova da fecundidade de tal relação é oferecida pela própria vida de grandes teólogos cristãos que se distinguiram também como grandes filósofos, deixando escritos de tamanho valor especulativo que justificam ser colocados ao lado dos grandes mestres da filosofia antiga. Isto é válido tanto para os Padres da Igreja, dentre os quais há que citar pelo menos os nomes de S. Gregório Nazianzeno e S. Agostinho, como para os Doutores medievais entre os quais sobressai a grande tríade formada por S. Anselmo, S. Boaventura e S. Tomás de Aquino. A relação entre a filosofia e a palavra de Deus manifesta-se fecunda também na investigação corajosa realizada por pensadores mais recentes, dentre os quais me aprez mencionar, no âmbito ocidental, personagens como John Henry Newman, Antônio Rosmini, Jacques Maritain, Étienne Gilson, Edith Stein, e, no âmbito oriental, estudiosos com a estatura de Vladimir S. Solov'ev, Pavel A. Florenskij, Petr J. Caadaev, Vladimir N. Losskij. Ao referir estes autores, ao lado dos quais outros nomes poderiam ser citados, não tenciono obviamente dar aval a todos os aspectos do seu pensamento, mas apenas propô-los como exemplos significativos dum caminho de pesquisa filosófica que tirou notáveis vantagens da sua confrontação com os dados da fé. Uma coisa é certa: a consideração do itinerário espiritual destes mestres não poderá deixar de contribuir para o avanço na busca da verdade e na utilização dos resultados conseguidos para o serviço do homem. Espera-se que esta grande tradição filosófico-teológica encontre, hoje e no futuro, os seus continuadores e estudiosos para bem da Igreja e da humanidade” (JOÃO PAULO II, 1999, 74).

de análise para qualquer tipo de realidade: do âmbito das relações intersubjetivas à experiência mística.

A questão feminina e a posição de Edith Stein

Abre-se, com Edith Stein, uma nova fase para compreender o **papel do feminino** na sociedade e na Igreja Católica. Nos anos trinta, toma posição diante da condição feminina numa série de Conferências, publicadas no livro *A mulher. Sua missão segundo a natureza e a graça*. Trata-se de uma resposta indireta aos movimentos feministas da época, que havia conhecido, provavelmente, por meio de sua aluna de Friburgo, Gerda Walther⁴, militante nos grupos feministas de conotação marxista antes de sua conversão ao cristianismo. Mas é, sobretudo, a atividade de docente que a leva a discutir sobre o papel e a função da mulher, enquanto se dedica à formação das jovens alunas que se preparavam para serem professoras no Instituto de Santa Madalena das Dominicanas de Speyer. Seus estudos sobre a mulher contemplam duas questões: a primeira se refere ao fato de que a mulher tem, sim, uma particular configuração anatômica, mas possui também características comuns com o homem; de fato, é possível falar em geral da pessoa humana, ir além das especificações masculinas e femininas. Essa constatação nos leva à segunda questão: não é possível analisar a mulher sem levar em consideração o homem; e o caminho para a elaboração de uma visão de pessoa humana, que leve em consideração tanto a especificidade feminina quanto a masculina, pode ser percorrido por meio de duas perspectivas diferentes, mas articuladas entre si: a filosófica e a teológica.

Para Ales Bello (2000, 2009), a perspectiva filosófica, com seu método fenomenológico, direciona a análise de Edith Stein da essência da pessoa humana para uma “antropologia dual”⁵, enquanto a perspectiva

⁴ Tendo crescido em uma família atea, militante do grupo juvenil socialdemocrático, Gerda Walter (1897-1977) converte-se ao cristianismo. Atraída pela leitura de Edmund Husserl, torna-se aluna fiel e original, revê não apenas suas ideias políticas, mas descobre também o mundo do espírito. Com sua obra “*La fenomenologia della mística*” (1955) faz uma tentativa de analisar a experiência mística seguindo os procedimentos do método fenomenológico com o objetivo de superar o materialismo do qual declarava sua falência. Tudo isso partindo da própria experiência, das vivências espirituais que busca descrever e compreender com capacidade extraordinária, oferecendo uma aprofundada análise dos processos psíquicos e intrapsíquicos e do mundo da interioridade (WALTER, 2008).

⁵ O conceito de antropologia dual é um conceito empregado por Angela Ales Bello para expressar o conceito de humanidade feita de homens e mulheres. Tal conceito encontra-se em vários dos seus escritos citamos os mais significativos (ALES BELLO, 2000; ALES BELLO, 2004; ALES BELLO, 2009).

teológica remete a luz da Revelação ao mistério do ser criado à imagem e semelhança de Deus. Edith Stein é considerada como precursora de um novo feminismo na Igreja Católica; preconizou a saída da mulher de casa e sua inserção em quase todas as profissões.

No pensamento filosófico de Edith Stein, masculino e feminino não estão em oposição, mas em profunda complementaridade; são reflexo da comunhão de amor que está em Deus, pela qual as três pessoas se amam, no íntimo da única vida divina. Desde seu primeiro trabalho científico sobre a empatia (1916), ela se interessa pelo conhecimento da pessoa humana na sua dimensão intersubjetiva. Nos escritos sucessivos, em *Psicologia e ciências do espírito. Contribuição para uma fundação filosófica* (1922) e, em *Pesquisas sobre o Estado* (1925) aprofunda a natureza humana na sua dualidade masculina e feminina, descreve de modo essencial as esferas psíquicas e espirituais, os momentos constitutivos da comunidade, as formas de vida associada, as normas que regulamentam as relações intersubjetivas, a autonomia do sujeito tanto na esfera ética individual quanto na esfera religiosa.

A visão de Edith Stein *do ser feminino* é para sua época uma ideia revolucionária. A análise fenomenológica da estrutura complexa do ser humano lhe havia sugerido que o homem e a mulher são seres humanos, criados à “imagem e semelhança de Deus”; ao mesmo tempo foram criados com peculiaridades próprias para constituir, um para o outro, uma ajuda na realização do próprio ser. A **essência** do ser humano se realiza em duas espécies: espécie *viril* e espécie *muliebre*. As diferenças de gênero ⁶ não são secundárias e tanto menos supérfluas, pois são diferenças essenciais. Se quisermos compreender *quem/como* é o ser humano, é necessário individuar as diferenças de gênero, considerando sempre nessas diferenças a possibilidade de uma complementação e comunhão de características porque:

nenhuma mulher é somente mulher; cada uma possui inclinações e dons naturais como os homens, e estes dons a tornam apta para as várias atividades profissionais, tanto de caráter artístico quanto científico e técnico. Em linha de máxima, a disposição individual pode orientar a preferência para qualquer campo, também para aquele que está longe das características femininas (STEIN, 1999, p. 52).

⁶ Na época de Edith Stein não se utilizava ainda o conceito de gênero para dizer a diferença entre o ser masculino e o ser feminino. Ela utilizava-se da expressão masculino e feminino.

Aborda a questão da condição da mulher, de sua formação, promoção e dignidade sempre em colaboração com o mundo masculino. A comum humanidade não pode ser negada se seguirmos o fio condutor da empatia, como reconhecimento da estrutura presente em cada ser humano. A diferença de gênero (feminino e masculino) é abordada não como um dado biológico ou sociológico, mas como um elemento estrutural do ser humano. O homem é um ser livre: razão e liberdade são constitutivos da pessoa, assim, pois a razão deverá agregar-se à liberdade. O homem nasce para ser livre, porém seguramente o que mais opõe resistência à liberdade é a própria natureza humana tão complexa. Em termos aristotélico-tomistas, mostra que há uma unidade entre o corpo psicofísico e a alma espiritual. A permanente referência à pessoa humana coloca Edith Stein em sintonia com a *metafísica cristã*. Os dois grandes pilares da Revelação hebraico-cristã, o pecado original e a encarnação de Cristo, tornam-se o fundamento de sua antropologia cristã, assim como uma contribuição para se posicionar diante das antropologias contemporâneas. O tema gênero, espécie e individualidade emerge da analogia com os seres animados e inanimados.⁷ Em suas análises, constata um conjunto de diferenças, começando pela “matéria”.⁸ O corpo e a alma da mulher são formados para uma finalidade específica. Anatomicamente, o homem possui diferenças nítidas em relação à mulher, bem como seu funcionamento se dá de maneira diversa. Existem aparelhos biológicos distintos nos diferentes sexos e “esta é também uma conclusão que se tira do princípio tomístico *anima forma corporis*. Há um *Ethos* (hábito) específico no ser homem e ser mulher.

Com muita perspicácia afirma, com base na tradição tomista-aristotélica, que a espécie humana é articulada “em duas espécies: espécie *viril* e espécie *muliebre*, e que a essência do ser humano, tanto num caso como no outro, não deve lhe faltar nenhum traço, [está]

⁷ “Na relação recíproca entre a espécie vegetal, assim como naquela entre a espécie animal, observamos um duplo princípio que se manifesta na maior ou menor perfeição com a qual estas realizam a ideia no seu âmbito próprio, uma subida na espécie tal que as espécies inferiores de um âmbito mostram ainda uma semelhança com aquelas do âmbito inferior. Essa foi indicada como lei de continuidade. Essa lei conduz a uma relação recíproca entre os diversos âmbitos do ser [...]. A pergunta sobre a origem da espécie é indissolúvelmente conexa com a questão da origem dos indivíduos, assim como as espécies existem *realiter* no indivíduo, da mesma forma, a estrutura do indivíduo não é inegável se não compreende aquela da espécie” (STEIN, 2000, p. 97-98).

⁸ “Cada indivíduo – não somente o ser vivente, mas todas as coisas com as quais temos experiência – é matéria formada. A matéria informe não pode existir, essa recebe o seu ser somente mediante a forma” (Tradução nossa). (STEIN, 2000, p. 103; STEIN, 2003, p. 369).

manifesta-se em dois modos diversos revelando a marca específica e a estrutura do ser” (STEIN, 1999, p. 206)⁹.

A diferença entre o feminino e o masculino é abordada ao lado da unidade do ser humano. De fato, homem e mulher são seres humanos, nisso consiste sua igualdade; mas são também diferentes no sentido de que não é só o corpo ou as funções fisiológicas que são diferentes. A vida toda no corpo é diferente, a relação entre a alma e o corpo é diferente, e no âmbito da alma, difere a relação entre o espírito e a sensibilidade, bem como a relação entre as diversas forças espirituais.

A forma feminina e masculina não se manifesta só no ritmo constitutivo dos indivíduos, mas investe toda a estrutura de corpo, alma e espírito. Portanto, a diferença entre homem e mulher deve ser entendida como algo que atravessa toda a estrutura do ser humano como tal pela diferenciação sexual. “Em cada indivíduo, encontramos o elemento masculino e feminino, sendo que apenas um deles predomina; precisamos então das duas espécies para desenvolver a espécie humana”.

Edith Stein, nos seus estudos, indica brevemente no que consistem os momentos fundamentais da distinção entre a espécie masculina e a espécie feminina: “A espécie feminina corresponde à unidade e à integridade de toda a personalidade psicofísica, o desenvolvimento harmonioso das forças; a espécie masculina se destaca pela potencialização máxima de forças isoladas” (STEIN, 1999, 187; 206).

É nesse ponto que se constata o enxerto entre filosofia e teologia: a diferenciação da espécie proposta pela filosofia, responde à finalidade dos sexos assim como é apresentada pela teologia. É sobre essa diferença que a autora se fundamenta para indicar o destino da mulher e do homem, para aprofundar o significado do feminino em relação ao masculino e, conseqüentemente, para abordar a questão da relação entre os dois. Nessa perspectiva, discute a vocação do homem e da mulher, não somente como um *chamado* ou uma *profissão para (berufen)*, mas, sobretudo como um *chamado* de ordem religiosa: “Existem muitos caminhos pelos quais o chamado nos alcança: Deus mesmo o pronuncia

⁹ Por espécie Edith Stein entende algo de fixo que não muda. A filosofia tomista usa neste caso também *forma*, referindo-se à forma interna que determina a estrutura de alguma coisa. O tipo não é imutável no mesmo sentido da espécie. Um indivíduo pode passar de um tipo a outro, o que acontece, por exemplo, no processo de desenvolvimento em que o indivíduo passa do tipo de criança ao tipo juvenil, e depois, homem adulto. É óbvio que a questão da espécie mulher constitui a questão básica das questões femininas (STEIN, 1999, p 187).

nas palavras do Antigo e do Novo Testamento. Está inscrito na natureza do homem e da mulher” (STEIN, 1999, p.68).

A mulher possui um papel profético na história da humanidade. É o Deus criador que revela o mistério da mulher, o valor da feminilidade, seu eterno destino e sua dignidade. O Criador lhe confia, de modo especial o homem, o ser humano. É esta particular confiança que fortifica e consolida a vocação feminina, que comporta uma comunhão especial com o mistério da vida. Ela vê a mulher à luz da natureza e da graça. É um ser humano, criado, redimido, membro do Corpo Místico da Igreja e responsável pelos outros.

Edith Stein aprofunda o tema da natureza e da vocação da mulher a partir da *Sagrada Escritura*, e, mais concretamente, do livro do Gênesis. Dois pontos do Antigo Testamento são centrais para a impostação do tema antropológico: o relato da criação do homem e da mulher em Gênesis 1 e 2 e aquele do pecado original em Gênesis 3. Do Novo Testamento, significativas são as cartas de São Paulo aos Coríntios, aos Efésios e a Timóteo. Nos textos citados, aparece a criação do homem e da mulher como seres iguais, criados à imagem de Deus, com a mesma dignidade e a mesma vocação. É com o pecado que a condição da mulher muda, encontrando-se submissa ao homem. Mas, à luz do Novo Testamento e com a redenção operada por Cristo, a igualdade dos sexos volta ao primitivo projeto de Deus. “Ambos, homem e mulher, desde a criação do mundo, são pessoas, e a distinção sexual é colocada como dom recíproco. A noção de igualdade não nega a existência da diversidade na natureza própria do ser humano, mas exprime sua riqueza na dupla articulação da mesma natureza. A diferenciação na natureza nos remete, ainda, às diversas formas de expressar a tríplice tarefa confiada ao ser humano como macho e fêmea: “ser imagem de Deus”, “procriar uma prosperidade” e “dominar a terra”. Com a Redenção, a maternidade e a paternidade aparecem como vocação originária do ser humano feminino e masculino. No novo caminho da salvação não há diferenças de sexos, porque ambos são chamados a serem santos de igual medida e possuem a tarefa de tornar sagrada a sua relação. A vocação ao amor interpessoal é vista na perspectiva de um amor integrado no mistério da salvação.

A dignidade e a vocação da mulher são abordadas no horizonte vasto da História da Salvação. Este é um dos pontos que aproxima Edith Stein e João Paulo II, que se inspira em seu pensamento para tratar da vocação e da missão peculiar da mulher sob o perfil humano e religioso. Para a teologia cristã, no centro deste Mistério esta a figura de Maria, o

modelo mais sublime do ser mulher. A *Theotókos*¹⁰, Mãe de Deus, expressa a plenitude da perfeição daquilo “de que é característico da mulher” daquilo “que é feminino”. João Paulo II, na *Mulieris Dignitatem*, percorre a história sagrada, evidenciando o protagonismo feminino, o lugar singular da mulher na Revelação, mostrando como a própria mulher, que chega a ser “paradigma” bíblico, torna-se a profética figura da “mulher vestida de sol”, do Apocalipse.

Com João Paulo II, o problema feminino ganha força e haverá uma reflexão antropológica e teológica renovada da mulher. No seu pontificado a presença feminina se tornará marcante na Igreja. Seu amor para com as mulheres se revela tanto na luta pela dignidade e promoção nos vários setores da sociedade e da Igreja quanto no desenvolvimento de um pensamento feminino, expresso nos seus escritos, pronunciamentos e audiências. Seus textos são um guia de aprofundamento histórico, filosófico e teológico da questão feminina. Aprofunda uma antropologia do feminino e do masculino, em particular na Encíclica *Mulieris Dignitatem*, na Carta às Mulheres (1995) e nos discursos realizados durante o *Angelus* de 1995 a 1996. Na Encíclica *Fides et Ratio*, falando da interação da teologia com a filosofia, propõe dentre os grandes teólogos que se distinguem também como filósofos, personagens como John Henry Newman, Antônio Rosmini, Jacques Maritain, Étienne Gilson e Edith Stein. Tais personagens – escreve –

deixaram escritos de tamanho valor especulativo que justificam ser colocados ao lado dos grandes mestres da filosofia antiga. Isto é válido tanto para os Padres da Igreja, dentre os quais há que citar pelo menos os nomes de S. Gregório Nazianzeno e S. Agostinho, como para os doutores medievais entre os quais sobressai a grande tríade formada por S. Anselmo, S. Boaventura e S. Tomás de Aquino. (João Paulo II, 1998, 74).

A metodologia adotada por João Paulo II é aquela do profundo respeito pela identidade feminina, que passa pela renovada consciência da dignidade da mulher. Alude à necessidade de promover, com base no princípio evangélico de paridade entre homem e mulher, uma cultura de igualdades que, por sua vez supere as diversas formas de discriminação. João Paulo II fundamenta seu Magistério sobre a mulher não na forma de uma teologia sistemática, mas *na e sobre* a reflexão da imagem bíblica e

¹⁰ “*Theotókos* - Mãe de Deus - tornou-se o nome próprio da união com Deus, concedida à Virgem Maria. A união singular da “*Theotókos*” com Deus, que realiza do modo mais eminente a predestinação sobrenatural à união com o Pai prodigalizada a todo homem, é pura graça e, como tal, um *dom do Espírito*” (JOÃO PAULO II, 1988, n. 4).

antropológica. Encontramos, na sua antropologia da feminilidade, traços da antropologia steiniana.

Considerações finais

O recorte feito nesta fala sobre “Perspectivas fenomenológicas e teológicas das questões de gênero em Edith Stein” quer mostrar que a fenomenóloga e teóloga Edith Stein assumiu uma postura própria diante do feminismo ocidental do século vinte: a diferença dos movimentos que se empenhavam na luta pela conquista dos direitos das mulheres ela reflete sobre a natureza, a peculiaridade própria da mulher. Sua reflexão se orienta em questões ontológico-metafísicas. A influência direta ou indireta do feminismo como um discurso intelectual, filosófico e político, dos movimentos e teorias feministas, na vida das mulheres aparece como um fenômeno cultural significativo. As mulheres vão adquirindo maior consciência de sua ação no mundo do trabalho, na educação e na produção científica.

Da antiguidade até nossos dias, muito do que foi estruturado sobre a vida e o pensamento das mulheres foi realizado por homens cuja imagem da mulher é, muitas vezes, um reflexo seu. Sempre que se discutiam questões relacionadas à mulher e ao seu comportamento, sendo comum vê-la tratada como objeto de dominação masculina, relegada à submissão e à inferioridade perante o poder do homem. O valor do ser humano era pré-determinado a partir do lugar social, sua cor e seu sexo. E, nessa escala de valores, as mulheres quase sempre foram consideradas antropológica e socialmente inferiores. O feminino, que até então era visto, por muitos, como sexo frágil, agora passa a representar grande força perante o masculino. A própria mulher participa dos movimentos feministas e intelectuais da época, colocando em evidência que também a mulher é capaz de “pensar”, ou seja, de “fazer filosofia”.

Edith Stein nos chama a atenção pela forma concreta de tratar a pessoa humana e sua formação, por sua maneira de ver a pessoa humana em suas realidades, pela solidariedade para com seu povo, pela vivência prática de sua convicção, pela forma de interpretar os acontecimentos históricos, sociais e existenciais e, acima de tudo, pela forma como compreende o ser humano. Edith Stein empreende um trabalho de conscientização do papel da mulher na formação da juventude. Seu pensamento sobre a questão de gênero interligada às diferentes áreas do saber.

A aplicação da fenomenologia como método de análise e estudo da questão feminina em Edith Stein volta seu foco às vivências e às suas

dosagens nas ações intencionais, instaladas nos objetos culturais, tarefa que exige empenho e perseverança “arqueológicos”. O ser humano vive em diferentes culturas e em diferentes níveis, todos importantes para compreender sua identidade e, inclusive, suas escolhas. Portanto, discutir a temática de gênero, hoje, é um desafio não somente para a Filosofia e a Teologia, mas também para as demais áreas do conhecimento. Um olhar interdisciplinar sobre a subjetividade humana na perspectiva de Edith Stein engloba a pessoa humana, homem e mulher, com suas diferentes características e contextos culturais. Repensar a pessoa humana sobre o enfoque de gênero, assim como nos é proposto por Edith Stein, implica “realizar”, “criar” e, no sentido mais restrito, “introduzir” uma nova forma de pensar a constituição da pessoa humana e suas relações intersubjetivas.

Bibliografia

ALES BELLO, A; BREZZI, F. **Il filo(sofare) di Arianna. Percorsi del pensiero del Novecento**. Milano: Associazione Culturale Mimesis, 2001.

ALES BELLO, A. **A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino**. Bauru: EDUSC, 2000.

ALES BELLO, A. **Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

ALES BELLO, A. **Edith Stein O dell'armonia**. Esistenza, Pensiero, Fede. Roma: Edizioni Studium-Roma, 2009.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Fides Et Ratio**. Sobre as relações entre fé e razão (1999). Paulinas: São Paulo, 2010.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Mulieris Dignitatem**. A dignidade e vocação da mulher (1988). São Paulo: Paulinas, 2011.

PERETTI, C. **L'empatia nel rapporto interpersonale in Edith Stein**. Pontificium Athenaeum Antonianum. Institutum Superius Scientiarum Religiosarum, “*Redemptor Hominis*”. Dissertatio ad Gradum Magisterii, Roma, 1997.

PERETTI, C. **Edith Stein e as questões de gênero**. Perspectiva fenomenológica e teológica. Tese de Doutorado. Escola Superior de Teologia. Doutorado em Teologia. São Leopoldo: EST/PPG, 2009.

STEIN, E. **Potenza e Atto. Studi per una filosofia dell'essere**. Prefazione di Angela Ales Bello. Roma: Città Nova, 2003.

- STEIN, Edith. **La struttura della persona umana**. Città Nuova, Roma, 2000.
- STEIN, Edith. **A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- STEIN, Edith. **Essere Finito e Essere Eterno**. Per una elevazione dell'essere. Roma: Città Nova, 1988.
- STEIN, Edith. **Storia di una famiglia ebrea. Lineamenti autobiografici: l'infanzia e gli anni giovanili**. Roma: Città Nuova Editrice, 1992.
- WALTER, Gerda. **Fenomenologia della mística**. A cura di anngelo Radaelli. Milano: Edizioni Glossa Srl, 2008.

**Prof.a. Dra. Clélia Peretti*

Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo –RS
Membro da Academia Internacional de Teologia Prática (IAPT)
Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Teologia PPGT/PUCPR
clélia.peretti@pucpr.br.